

JANELA PERIFÉRICA: um webdocumentário das crianças da comunidade Moradias Zimbros, realizado a partir da educomunicação^{1 2}

Priscila Pacheco dos SANTOS³
Felipe Harmata MARINHO⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho é um webdocumentário, realizado a partir da educomunicação, com crianças que moram na comunidade Moradias Zimbros, localizada na periferia de Curitiba. Mais que espectadoras, elas participam como entrevistadas e produtoras de conteúdo, realizando toda produção deste trabalho, com o objetivo de mostrar um olhar em primeira pessoa sobre o seu próprio bairro. Buscando possibilitar o encontro entre criança e comunicação e desenvolvendo assim sua capacidade crítica e criadora.

PALAVRAS-CHAVE: criança; educomunicação; periferia; webdocumentário

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um webdocumentário, no qual crianças produzem conteúdos midiáticos através de uma oficina de educomunicação. O resultado deste processo encontra-se no *site* www.janelaperiferica.com.br. Toda produção teve como objetivo mostrar um olhar diferente sobre a periferia, que num determinado segmento da comunicação é, muitas vezes, explorada por um viés negativo, influenciando na visão da criança sobre o seu espaço. A ideia surge de uma lacuna existente nos veículos de comunicação, onde os produtos audiovisuais são pensados para crianças e não por crianças.

Pensando nisso, a iniciativa em questão visa estimular a educomunicação como uma ferramenta que transmite valores éticos, incentivando o empreendedorismo, ampliando os possíveis horizontes educacionais e criando uma rede de inclusão social entre os moradores da região onde o projeto foi aplicado, no caso, as Moradias Zimbros - uma das 83 comunidades localizada dentro do bairro Cidade Industrial de Curitiba, na região periférica

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Produção Multimídia.

² Este trabalho foi contemplado pelo programa InFormação, uma iniciativa da ANDI – Comunicação e Direitos, com o patrocínio da Petrobras, no âmbito do projeto Jornalista Amigo da Criança, e o apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ.

³ Graduada em Jornalismo pela Universidade Positivo, em 2013. Email: contatopriscilap@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Email: feharmata@yahoo.com.br

da cidade. Essa rede de inclusão social pode se tornar um alicerce para a transformação social e proteção das crianças envolvidas nessa iniciativa. Como diz Schaun (2002) quando afirma que a educomunicação pode contribuir para a “reprodução de organização de poder da comunidade como um lugar de cidadania, aquele índice do qual emergem novas esteticidades e eticidades (modo de perceber e estar no mundo)” (pg. 15). Baseado nessas considerações buscou-se trabalhar questões de inclusão, sociabilidade, senso crítico e formação do olhar com crianças de 8 a 12 anos.

2 OBJETIVO

Contribuir para a transformação social de crianças, a partir do contato com um dispositivo midiático que pode servir de ferramenta na sua formação como indivíduo, estimulando a curiosidade, crítica, inventividade e formação do olhar.

3 JUSTIFICATIVA

Não é possível conceituar o que é a infância sem antes considerar onde a mesma está inserida, seu contexto sociocultural, familiar, econômico, entre outros elementos que influenciam a estrutura de vida neste período em cada ser humano. Para Demartini (2011), ao tratar deste assunto, é necessário considerar que uma “grande parcela das crianças carrega em suas experiências de vida as vivências em diferentes espaços, isto é, em diferentes realidades socioeconômicas e culturais” (pg. 12).

Moacyr Scliar (1995) diz que a construção da representação social da criança com elementos de senso comum sobre uma vida perfeita e idílica não podem ser garantidas para todas como se existisse um único “país da infância”. Para o autor, a infância não pode ser vivida por igual por todas as crianças, pois ela acontece no contexto onde cada criança vive. “Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil” (pg. 04).

Com isso é necessário analisar outros espaços que também servem como cenário para a construção de representações sociais, boas ou más. Este trabalho deter-se-á a partir de agora em outro espaço representativo neste processo, a periferia.

Cidades: da periferia a favela

De um modo geral, periferia representa geograficamente toda área urbana que está ao redor dos grandes centros urbanos. Mas em um contexto contemporâneo e brasileiro essa palavra detém outras conotações, pois nos espaços urbanos a periferia comumente passa a

designar o que no Brasil é intitulado como Favela. (BURGOS, 2009) Dentro desta relação encontram-se diversas interpretações sobre o que esses espaços representam para a sociedade. Licia do Prado Valladares (2005) define que as “as favelas passam então a ser percebidas como a ‘outra metade da cidade’, aparecendo, antes de tudo, como o território da violência e da pobreza, da ilegalidade frente à cidade ‘legal’ ”(pg. 20)

Segundo Burgos (2009), essa visão engessada acabou, “convertendo-se em instrumento de luta e de afirmação identitária” (pg. 52). Ou seja, este conjunto de construções cristalizadas sob a favela pode servir como estímulo a reapropriação da favela por parte de seus moradores. Mas para isso é preciso que eles passem a enxergar sua realidade social a partir da alteridade, ou seja, a significância de que assim como o indivíduo consegue enxergar outros, ele também precisa se enxergar como outro (KRAMER, 2000). Isso se dá em um processo de busca identitária, que uma vez que seja estimulada, influencia também na busca pela valorização da cultura e da história das comunidades locais, com o intuito de estimular a preservação e reforço das identidades culturais do bairro periférico e conseqüentemente de seus moradores. Este trabalho busca influenciar nesse processo de alteridade junto a comunidade Moradias Zimbros, utilizando a educomunicação e o webdocumentário.

Pela tela, pela janela: a educomunicação como ferramenta social da busca identitária

A Educomunicação age como uma intersecção entre os campos da comunicação e da educação, ou seja, educar para a comunicação. O conceito busca a construção de um ambiente comunicativo aberto, criativo, colaborativo, educativo e que quebre a hierarquia na construção do saber. (SCHAUN, 2002). Enxergando a educomunicação desta maneira é possível configurá-la como um novo campo de intervenção social, propício a encontros reflexivos aos mais variados temas, é o que afirma Ismar de Oliveira Soares (2004) pois “reconhecer a comunicação como o mais importante dos eixos transversais dos processos educativos foi, sem dúvida, o que garantiu o sucesso dos movimentos sociais em torno dos direitos das minorias” (pg. 03)

Para ele pensar em ações que envolvam a comunicação e a educação se tornam palpáveis a partir do momento que é possível perceber o quanto as configurações mais recentes das “novas práticas comunicativas evidenciam um uso cada vez maior das tecnologias de comunicação (rádio, televisão, Internet etc.) pelas organizações comunitárias” (pg. 04). Assim, a partir de iniciativas de educomunicação, se torna possível transmitir mensagens através da mídia - ainda que num âmbito local e de maneira

independente - ampliando o debate a novos emissores, e, conseqüentemente, a uma real democratização da comunicação. A construção do que o autor chama de “sociedade da comunicação” seria pautada, então, por uma formação que estimula outras interpretações de mundo. Mas, de que maneira a comunicação chega até as crianças? E, no foco deste trabalho, como a criança cria uma relação com a imagem audiovisual que a cerca?

Segundo uma pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Educação e Mídia (Grupem) da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) em 2004, o Brasil já era considerado uma das sociedades mais audiovisuais do planeta. Em relação à televisão, são as crianças que compõem o maior segmento de espectadores da TV aberta. Inclusive nas programações que não são adequadas a faixa etária infantil, deste modo

é lícito supor, portanto, que essa forte presença da televisão no cotidiano das crianças faz dela um importante agente de socialização que, ao lado da família, da escola e de outras instituições, ajuda a construir valores, identidades e imaginários. (MIGLIORA; NÉRI; SANTOS in: DUARTE, 2008, pg. 02)

A mesma pesquisa mostrou que, em geral, “a percepção que elas têm do mundo, através do que é veiculado pelos telejornais, é quase sempre de um lugar onde é impossível viver” (MIGLIORA; NÉRI; SANTOS in: DUARTE, 2008, pg. 162) em função das constantes informações relacionadas à violência que são veiculadas nos grandes veículos de comunicação. Martin Barbero e Rey (2001) afirmam que “a mídia de massa televisiva indica a direção da crise da representação e as transformações que está atravessando a identidade da mídia” (pg. 17). Segundo Barbero (2003) da convivência extensa de crianças com a mídia surge uma empatia tecnológica, que associada à empatia cognitiva culminam em “novos modos de narrar e de perceber as identidades” (pg. 66). Neste sentido, se faz necessário pensar em um meio que contemple a maior possibilidade de interação entre jornalista e público, a fim de influenciar para um incentivo a uma comunicação propícia ao senso crítico e a alteridade. A partir de agora este trabalho irá focar seus estudos no Webdocumentário, um formato midiático que tem em sua essência essas características.

Webdocumentário, uma nova possibilidade discursiva na educomunicação

O Webdocumentário representa uma ruptura nas formas tradicionais de produzir um material audiovisual, pois sua estrutura é baseada em uma montagem interativa e não linear, diferente de outros modelos midiáticos. Para Cárilda Emerin e Beatriz Cavenaghi (2012) isso ocorre porque “a internet quebra a linearidade até então proposta pelo cinema e pela televisão e apresenta uma nova maneira de acesso ao conteúdo audiovisual.” (pg 05). Isso porque este modelo apropria-se de micronarrativas para dar liberdade de escolha ao público.

Gregolin, Sacrini e Tomba (2002) enxergam no webdocumentário a “viabilidade de uso do produto imagético na educação, suas formas de aplicação e manuseio ideológicos por se tratar de um pretense recorte inquestionável da ‘realidade’ ” (pg. 19). Ao criar um recorte inquestionável da realidade, criam-se a possibilidade de uma maior condição na visão do indivíduo sobre o eu e sobre o outro, mas agora no sentido da comunicação, o que culmina em um leque maior nas representações sociais e em novas formas de desmistificá-las.

Conclui-se que o webdocumentário é um forte aliado a processos pedagógicos, o que segundo Gregolin, Sacrini e Tomba (2002) estimula que a criança “deixe de ser visto como mero receptor de informações” (pg.46). É como se o ciberespaço recuperasse a possibilidade de comunicação para aqueles que vivem sob uma lacuna de representação existente nos outros veículos midiáticos. Dando voz a segmentos da sociedade que são pouco - ou nada - representados nesses espaços. Conforme afirma Jorge Alberto S. Machado (2007) pois “qualquer cidadão pode assumir, ao mesmo tempo, uma variedade enorme de papéis - como cidadão, militante, editor, distribuidor, consumidor, etc. – superando as barreiras geográficas e, até certo ponto, as limitações econômicas.” (pg. 269)

Deste modo os atores sociais criam organismos de defesa e de representações sociais cruciais para uma nova construção do eu e do outro perante a sociedade. Com base nisso é possível afirmar que a opção deste ser um trabalho em webdocumentário fomenta essa possibilidade nas Moradias Zimbros, pois, como já foi elucidado, trata-se de um meio comunicativo, plural, com dimensões de autonomia, cooperação, interatividade, e, conseqüentemente, um forte potencial na construção da representação social, construção identitária, criatividade, senso crítico, e conhecimento humano.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após uma profunda pesquisa teórica sobre os assuntos que abarcam essa iniciativa, buscou-se repensar o olhar para a infância e o olhar para a periferia, por meio da educomunicação e do webdocumentário como ferramentas. O trabalho foi feito através de extensas oficinas realizadas com 27 crianças da comunidade Moradias Zimbros, com periodicidade semanal, de maio a setembro de 2013, totalizando 40 horas/aula.

Todo conteúdo de produção do webdocumentário foi idealizado e operacionalizado pelas próprias crianças. O envolvimento acadêmico nesse processo da produção foi

puramente na orientação e coordenação das ações que resultam neste webdocumentário, além de ministrar as oficinas de educomunicação.

Dentre os temas abordados nas oficinas, estão: história da comunicação, teorias do cinema documental, tipos de enquadramentos e planos no telejornalismo e no cinema, análise crítica dos meios, tipos de profissionais do audiovisual, técnicas de animação em *stop motion*, noções sobre produção de conteúdos audiovisuais e montagem.

O primeiro mês da oficina serviu para apresentar o projeto às crianças, o que é comunicação, como manipular os equipamentos e como reconhecer o outro através da câmera. Observou-se neste período que para uma melhor metodologia seria necessário pensar uma demanda maior de oficinas práticas, tendo em vista que as crianças participam do projeto no contra turno escolar e se sentem impacientes com uma carga excessiva de conteúdos teóricos em sala de aula. Com isso a teoria passou a ser incorporada a prática.

Neste período ainda houve resistência por parte de algumas crianças em ver o projeto como algo útil e entendível, levando em consideração que muitos deles não enxergavam viabilidade e lógica nesta produção. Frases como “Porque filmar esse lugar?” “É só morrer alguém na rua da minha casa que a TV vem filmar”, “Nunca vi meu bairro bonito no jornal, é só lixo, morte e pessoas ruins”, mostravam a visão das crianças sobre essa iniciativa, assim como uma resistência a ela.

No segundo mês, após a ambientação da pesquisadora e da proposta de trabalho, as crianças definiram quais seriam os primeiros temas abordados no webdocumentário e o que seria necessário para realizá-lo. Os temas definidos foram: futebol e um passeio documentado pelo bairro. O principal resultado desta fase foi o evidente envolvimento das crianças com o projeto. Quebrou-se a barreira inibidora entre a criança e a câmera. Embora ela seja um elemento de estranhamento, nesta fase as crianças já se adaptaram e passaram a criar por meio dela várias imagens, com olhares criativos e autorais.

Após essa fase iniciou-se as produções e as aulas práticas se tornaram rotina. Mais que conhecimento técnico, esse processo serviu para que a criança percebesse o outro através da câmera, emergindo neste processo questões sociais sobre suas próprias vidas. Ou seja, a prática do que está sendo abordado na teoria.

No terceiro mês todos os temas foram definidos e a rotina de produção se fez frequente. Os projetos realizados até essa fase foram: um vídeo sobre um campeonato de futebol no bairro, outro sobre uma festa julina da região e um vídeo sobre um passeio pelo bairro.

O quarto mês serviu para finalizar a escolha completa dos temas a serem abordados assim como a produção de cada um deles. Neste mês foi finalizado um vídeo das casas das crianças falando sobre suas vidas familiares e outro da cantiga popular “Se essa rua fosse minha”.

O quinto e último mês serviu para finalizar pequenos detalhes que ficaram pendentes durante o processo de produção. Também neste mês as crianças aprenderam um pouco mais sobre como funciona a finalização/edição de um produto audiovisual. Ainda neste período ocorreu a estreia oficial dos filmes produzidos pelas crianças para a comunidade. Com um público de aproximadamente 100 pessoas, este evento serviu como encerramento oficial das atividades do projeto na comunidade (fotos do evento no site).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Durante as oficinas do projeto Janela Periférica as crianças realizaram um total de seis filmes, além de fotos e outros materiais. Todo conteúdo do webdocumentário produzido pelas crianças está disponíveis no site <http://janelaperiferica.com.br>. As produções são:

Arraiá - Um filme sobre a festa Julina do bairro. O vídeo tem 8’07”, nele as crianças optaram por fazer uma cobertura não roteirizada, baseando-se em técnicas do telejornalismo padrão, com passagem, e repórteres entrevistando participantes da festa.

Bola na rede - Com 08’29” o vídeo retrata um campeonato de futebol que acontece na comunidade, o “Campeonato dos Peladeiros”. Para esta produção optou-se manter uma linha muito próxima as típicas coberturas do telejornalismo esportivo.

Minha casa, minha janela - Este filme, de 14’24, retrata temas como casa, família, cotidiano e as relações sociais entre as crianças e o bairro. Cada criança filmou a fachada da sua própria casa, com plano detalhe de aspectos definidos a seu modo durante a produção. Além disso foi gravada uma entrevista com cada uma das crianças, aonde elas falam sobre como é morar naquela casa. Um filme baseado em técnicas do documentário e cinema real.

O Campinho - Este vídeo tem 7’25” e mostra um passeio pelo bairro com destino ao campinho de futebol. As crianças escolheram filmar sem roteiro. O vídeo traz elementos do telejornalismo e documentário, com histórias sendo apresentadas enquanto as crianças se aproximam de seus destino final: o campinho.

Rua dos Brincantes – Um filme de 7’29” que traz reflexões das crianças sobre como é ser criança na periferia, das brincadeiras na rua, da liberdade, dos sonhos, das vantagens e desvantagens. O vídeo traz elementos do telejornalismo e documentário.

Se essa rua fosse minha... - Matheus Caik sonha em ser cantor, em uma das diárias de gravação, despretensiosamente, as crianças decidiram filmar o amigo cantar, o filme tem 1'38". Baseado na linguagem do videoclipe, o vídeo é apresentado na íntegra, sem cortes.

6 CONSIDERAÇÕES

Tendo como foco a educomunicação no processo de produção, e o webdocumentário no processo de finalização e distribuição, é possível apontar que ambas formas de comunicação tiveram uma importante ligação neste projeto. As importantes referências no ato de pensar e realizar educomunicação, aliadas às múltiplas possibilidades midiáticas do webdocumentário, culminaram em um projeto que mostra diferentes pontos de vista, por diferentes mídias, sobre um mesmo bairro curitibano.

Para despertar o interesse das crianças e conseqüentemente incentivar o exercício do olhar e da crítica em cada uma delas foi necessário entender quem eram essas crianças, e de que maneira a periferia representa seu contexto social, além de onde a mesma periferia está posta na cidade de Curitiba. Neste prisma a pesquisa teórica foi de suma importância para compreender quais são os signos que ilustram a visão de mundo dessas crianças, e a partir deles encontrar maneiras viáveis de incentivar outras visões e possibilidades que vão além do senso comum, neste caso, em um processo de transformação do olhar a partir da educomunicação e do webdocumentário.

É importante frisar que um dos elementos que legitima este projeto como uma real experiência de educomunicação é poder pensá-lo como um projeto de processos e não puramente resultados. Esperava-se que as oficinas de educomunicação originassem por fim um webdocumentário, sim. Mas, mais do que isso, esta iniciativa buscava a essência da educomunicação, pois se tratava de um projeto focado na importância do processo que se percorre até chegar ao produto final, e todas as descobertas que esse processo proporciona.

As crianças tiveram acesso a técnicas, equipamentos, formas e linguagens que possibilitam a comunicação social, mas não somente isso. Elas tiveram também a possibilidade de se expressar a partir dessas ferramentas comunicacionais, e ao se envolverem com tarefas da produção de conteúdos audiovisuais puderam emergir em temas relacionados ao lugar onde vivem, e, conseqüentemente, com as suas próprias vidas.

Paralelamente as atividades de aprender a operar uma câmera ou se posicionar frente a ela, a ideia primordial era fazer com que as crianças percebessem o lugar onde moram, as pessoas que as cercam, as questões sociais presentes nestes espaços e a si mesmas. O exercício de se enxergar possibilitou o senso crítico sobre o seu bairro, este senso crítico

proporcionou, agora, uma nova projeção sobre seu espaço. Desta vez interpretada e apresentada nos olhos e vozes das próprias crianças. São eles por eles mesmos, o discurso fica em primeira pessoa e a partir dele é possível entender questões antes não discutidas e analisadas por eles mesmos, um espelho da realidade social destas vidas e seus cotidianos.

Durante o processo das oficinas nos deparamos com um cenário onde a maioria das crianças encarava a representação da imprensa e da comunicação na periferia ligadas intrinsecamente a tragédia, levantando indagações sobre a imprensa que só registra nas ruas do bairro notícias que envolvem aspectos violentos e negativos. Deste modo é possível prever que na maioria das vezes seria este o retrato que essas crianças teriam de seu bairro. Este projeto aponta para outras possibilidades, com ele as crianças podem enxergar e transmitir um olhar diferente sobre a mídia e sobre o ato de notícias questões relacionadas à periferia, sejam elas boas ou ruins, mas acima de tudo, reais.

Isso influenciou, inclusive, em um retorno por parte da própria mídia. Fomos notícia em diversos veículos de comunicação, do veículo de maior circulação do Paraná até veículos menores. Entretanto, dentre essas pautas, a busca dos meios de comunicação de massa para mostrar o Janela Periférica é especialmente significativa, isso porque em todo o trabalho com as crianças é questionado justamente o olhar da mídia sobre comunidades carentes de Curitiba. As próprias crianças da Moradia Zimbros disseram que só viam o bairro deles nos veículos de comunicação de massa quando o assunto era violência. Quando um projeto como esse é divulgado pelos mesmos veículos que são criticados no trabalho, é possível analisar que há formas de ter um olhar diferente para a comunidade e para o próprio *modus operandi* do jornalismo. Mais do que isso, mostra como trabalhos como esse podem ter um caráter transformador não só para a comunidade, mas também para a mídia.

Este processo reflexivo é fundamental na formação da criança, sendo de suma importância sua percepção ainda na infância, praticando um olhar aguçado sobre a periferia e sobre as questões sociais que ali se relacionam com suas vidas. Conclui-se que por meio desta experiência este processo cria uma rede de inclusão social a partir da comunicação e pode servir como uma ferramenta de visibilidade, reconhecimento identitário, formação do olhar e transformação social dos moradores da comunidade Moradias Zimbros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGOS, Marcelo Baumann. Favela e luta pela cidade: esboço de um argumento. In: SILVA, Jailson de Sousa. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de favelas, 2009.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: MARTINS FILHO, A. J. ; PRADO, P. D. (Org.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas/ SP: Autores Associados, 2011.

EMERIM, Cárlica ; CAVENAGHI, Beatriz. **Contribuições da linguagem dos webdocumentários para o webjornalismo audiovisual**. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2012, Chapecó (SC). Intercom. Chapecó (SC): UNOCHAPECÓ e INTERCOM, 2012. v. 1. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1661-1.pdf> . Acessado em 25/05/2013

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo A. **Webdocumentário - Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 4, p. 1, 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tomba-rodrigo-web-documentario.pdf> . Acessado em 20/05/2013.

KRAMER, Sonia. **Linguagem, cultura e alteridade. Para ser possível uma educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbare**. Enrahonar, Barcelona, v. 31, p. 149-159, 2000.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, 2007, vol., no.18, p.248-285. ISSN 1517-4522.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MARTIN-BARBERO, José. Globalização comunicacional e transformação cultural, 60-78. In: Moraes, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. RJ:Record, 2003.

MIGLIORA, Rita; NÉRI, Gleilcelene Gomes; SANTOS, Fernando Rodrigo dos. O que as crianças pesnam sobre os telejornais. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: Reflexos e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Alfabetização e Educomunicação: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida**. 2004. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=138&Itemid=99999999 . Acesso em 03/04/2013.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela- Do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.